

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 6

**Telmo de Lima Freitas
José Mendes**



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANCE

Coordenação Gráfica: Rossir Berni - Editora Alcance Ltda.

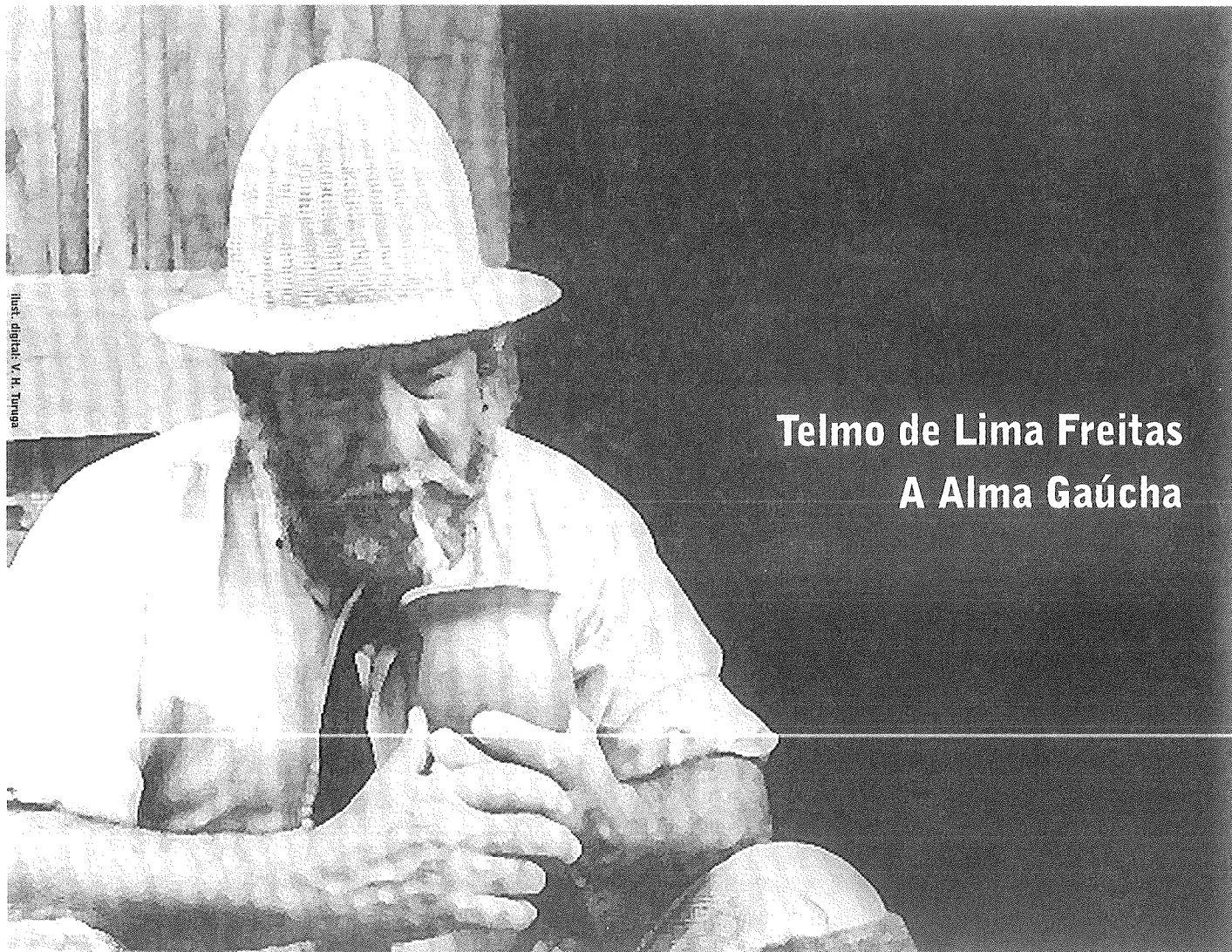
R. Sto. Antonio, 254/ 1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Aírton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Telmo de Lima Freitas A Alma Gaúcha

Comentei com Paixão Côrtes que entrevistaria Telmo de Lima Freitas para estes fascículos e ouvi dele a seguinte ponderação: "O Telmo não precisa falar sobre cultura tradicional gaúcha, porque ele é a própria". Tudo o mais que se possa dizer sobre ele é menor do que esta frase. Autenticidade é a marca deste compositor, cuja obra foi crucial para o repertório de vários artistas, como Cesar Passarinho, "Os Serranos", "Os Posteiros", Berenice Azambuja e José Mendes, entre muitos outros. Ele costuma referir-se à sua própria música como uma coisa simples, mas, como diz Vitor Ramil, difícil mesmo é mexer na essência da composição, e isso Telmo faz com a singeleza de quem nasceu e cresceu integrante da paisagem campeira. É autor de obras que constituem verdadeiro patrimônio da música tradicional gaúcha como *Esquilador*, *Prece ao Minuano*, *Prenda Minha*, *De Marcha Batida* e *Morena Rosa*. A naturalidade com que autografa um disco no lombo de uma mula para um peão (ver foto neste fascículo) é a mesma com que compõe.

A essência gaúcha que faz de Telmo um homem representativo de sua terra, também é chamada, volta e meia, de conservadorismo. Dependendo do ponto de vista, isto pode ser verdadeiro. Mas não é justamente o apego à tradição que faz do Rio Grande uma unidade tão diferenciada na Federação? O tipo de "conservadorismo" proposto por Telmo está muito mais ligado à preservação do que à reação ao novo. Não se pode querer que um homem como ele, que encarna toda uma vivência ligada à tradição, dê-se à extravagância da modernidade. É bom que ele fique lá mesmo, firme e altaneiro, como um marco, um farol aos navegantes em busca de origens. Fará falta irrecuperável o dia em que não tivermos referenciais, como o Telmo, a demarcar os caminhos por onde passaram os "tropeiros" da nossa cultura.

Henrique Mann - Editor



Cronologia Biográfica: Telmo de Lima Freitas

1913 - Nasce em 13 de fevereiro, no bairro do Pára Boi, da cidade de São Borja, filho de Mariana de Lima e Leonardo Francisco de Freitas.



Com a família.

1942 - Ganha seu primeiro violão (cordas de aço), no qual passa a tocar modas de viola de duplas sertanejas como Tonico e Tinoco e Alvarenga e Ranchinho. Gostava também de Catulo da Paixão Cearense, Vicente Celestino e de polcas guaranis.

1947 - Cria o "Quarteto Gaúcho" com Jaime Fagundes ao violão, Glênio na gaita de boca e Lulu no Pandeiro. Tocavam em bailes e festividades.

1950 - Apresenta programa gauchesco na Rádio Fronteira Sul de São Borja.

Um fato, digamos, pitoresco ocorreu quando da visita de Pedro Raymundo. Entrevistado por Telmo, o famoso cantor manifestou preocupação com a fama de violência da região. Telmo o tranqüilizou, argumentando que não era bem assim, que poderia tocar com segurança e "talicoisa". Na entrada do baile, houve uma peleia onde um sujeito foi baleado na testa.

1957 - Vence o concurso de gaita de botão no programa "Grande Rodeio Coringa", da Rádio Farroupilha, dirigido por Darcy Fagundes e Luiz Menezes.

1963 - Passa em concurso para agente da Polícia Federal.

1964 - Assume a chefia da Interpol no RS. Até 68, tem suas músicas gravadas por José Mendes sob pseudônimo, porque seu nome não podia ser divulgado.

1969 - Participa do I Festival de Música Regionalista da Rádio Gaúcha, retomando a carreira artística.

1971 - Participa da I Califórnia da Canção de Uruguiana, incluindo duas canções no disco: *Retorno* e *Prece ao Minuano*.

1973 - Grava no disco da III Califórnia: *Pelegueando*.

1974 - No disco da IV Califórnia está sua composição *Pipa D'Água*.

1975 - O cantor e compositor José Mendes grava duas canções de Telmo no LP *Isto é Integração: Pago Santo e Herança*.

1976 - Coloca a música *Encurtando Distâncias* no disco da VI Califórnia.

1978 - Duas canções no disco da VIII Califórnia: *Serenata e Linha da Vida*.





Em Porto Alegre, 1977.

1979 - Ganha a "Calhandra de Ouro" na IX Califórnia da Canção, com *Esquilador*.

1980 - O conjunto "Os Serranos" grava *Resto de Baile*, *Lembranças* e *Morenaça*.

1981 - Grava *Gaitada* no disco da XI Califórnia.

1982 - Inclui duas músicas no disco da Coxilha de Cruz Alta: *Vento Norte* e *Faz de Conta*.

1983 - Pela Polygram, grava o LP *O Canto de Telmo de Lima Freitas* (com produção de Ayrton dos Anjos e Juarez Fonseca) e o grupo "Os Posteiros" grava *Prece ao Minuano*.

1984 - Inclui no disco da XIV Califórnia a canção *De Marcha Batida* e, no do Festival Serra, Campo e Cantiga de Veranópolis, *Rastreador*.

1985 - Grava *Siá Maria Benzedeira* no LP da Reculuta da Canção Crioula de Guaíba e, no disco da XV Califórnia, *Ronco do Bronco*.

César Passarinho grava *Prenda Minha* e Dorotéo Fagundes grava *De Marcha Batida*, ambas de Telmo.

1987 - Inclui, no disco da XVII Califórnia, a canção *Surpresa*.

O gaiteiro Porca Vêia grava *Serenata* e se tornaria um dos maiores intérpretes da obra de Telmo, gravando posteriormente *Lembranças* (88), *Recorrendo os Agua-pés* (95), *Matiné* e *Canção do Andarengo* (97), *Marca Borrada* (com "Os Tropeiritos"), *Marcha Tropeira* e *Saudade Bruaca* (99).

1988 - Grava o disco independente *Alma de Galpão*, patrocinado pela empresa Marcopólo, com renda revertida para a Associação dos Funcionários da Polícia Federal e a música *Bolicho do Tio Candinho*, no Vol. I da Coleção

Recanto da Canção Gaúcha (Independente/Sogipa).

O cantor José Cláudio Machado grava *Cantiga de Ronda*. Posteriormente gravaria *Pega de Potra* (95) e *Defumando Ausências* (97).

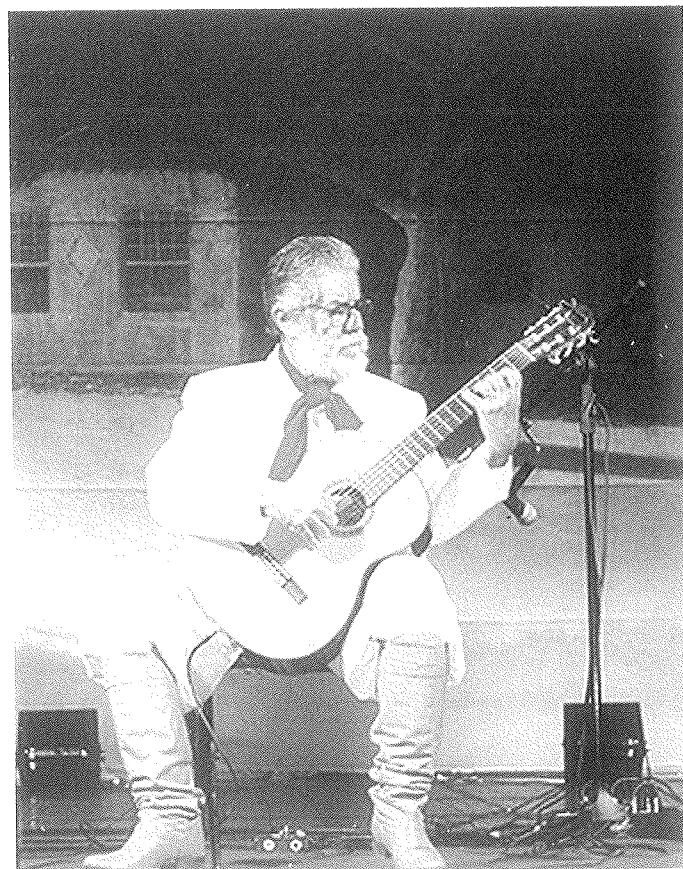
1989 - Tem gravada a canção *Esquilador* pelo Coral do Bannisul, *Primavera de Sonhos* por Fátima Gimenez e inclui no disco da XIX Califórnia a música *Santana Velha*.

1991 - João de Almeida Neto grava a canção *Piraguas*.

1992 - A canção *Esquilador* é incluída no vol.2 da série *As Melhores Canções Gaúchas* e Telmo aposenta-se como agente da Polícia Federal.

1994 - Grava o CD *De Marcha Batida*, pela USA Discos, no disco do I Cante uma Canção em Vacaria, a música *Abraço a Vacaria* e, no CD do Festival Terra e Cor da Canção Nativa de Pedro Osório, *Baile de Pedro Osório*.

1995 - Grava *Barco Calado* no disco do 9º Grito do Nativismo Gaúcho de Jaguarí.



No Teatro Guarani, em Pelotas, em 05-05-2000.



1996 - Grava o CD *Rastreador*, pela USA Discos, e a música *Taipeiro* no disco da XXVI Califórnia. Inclui a canção *Povo Gaúcho* no disco do II Cante uma Canção em Vacaria e tem *Lembranças* gravada por Dante Ramón Ledesma.

1998 - Sai o CD *Acervo Gaúcho - Telmo de Lima Freitas*, pela USA Discos.

A OSPA grava *Esquilador; Morena Rosa* sai no vol. 2 da coletânea *Domíngueira*, do jornal Zero Hora.

Recebe a Comenda O Pescador do CTG Ilha Xu-cra, de Florianópolis.

1999 - Grava o CD *A Mesma Fuça*, pela USA Discos. Vence o Festival Guayanuba da Canção Nativa, de Sapucaia do Sul, com a música *Fogão a Lenha*.

2000 - Ganha o Prêmio Açorianos de Melhor Disco Regional e Melhor Compositor Regional, por *A Mesma Fuça*.

O cantor e compositor Vinícius Brum grava *Prece ao Minuano* e *Prenda Minha*, clássicos de seu repertório e do cancionero gaúcho.

Depoimentos

" Os festivais de música do Rio Grande do Sul sempre tiveram uma grande importância, principalmen-

te porque projetaram jovens musicistas, compositores e poetas que começaram ali as suas carreiras.

A Califórnia foi o mais importante deles e praticamente iniciou o caminho dos que vieram depois. Recém hoje que se está fazendo trabalhos e pesquisas sobre a importância que os festivais tiveram para a cultura gaúcha, e eu acho que isso deveria ser melhor estudado. É um descuido não levar a bico de pena tudo o que se fez em festivais; isso tem que ser mais difundido para que o resto do Brasil saiba o que se faz aqui.

Nos outros estados, pouca gente tem conhecimento da nossa cultura e da nossa música.

Quando aconteceu aquele negócio todo lá em Uruguaiana, que jogaram pedra no Jerônimo Jardim, eu fiquei muito brabo. Não vi razão para acontecer aquilo. Festival é uma disputa limpa, e os jurados é que têm que decidir."

" Antigamente a gente tocava as músicas do Pedro Raymundo, música paraguaia e depois apareceram os 'Irmãos Bertussi'.

Depois começaram a surgir grupos como o 'Conjunto Farroupilha' e mais tarde 'Os Araganos'. Até aí se cantava muitas músicas paraguaias, tangos, valsas e alguns chotes. Eu acho que quem pode ser considerado precursor da nossa música é sem dúvida o Pedro Raymundo e depois os 'Irmãos Bertussi'. Eu tive o prazer de



Autografando um disco no lombo de uma mula, para um peão.



receber o Pedro Raymundo no meu programa de rádio lá em São Borja, em 1950. Depois o que veio de mais forte foram 'Os Bertussi'; até então, eu nem conhecia chamamê, por exemplo."

" Os CTGs tiveram um início maravilhoso. Uma carta de princípios feita pelo meu querido amigo Glaucus Saraiva. Hoje em dia, 90% nem sabe mais o que é isso. Viraram clubes de bailes. Inclusive cobram para orientar os sócios. Se a pessoa leva um filho adolescente para aprender as coisas da tradição, tem que pagar. Até para dar um tiro de laço num cavalo de pau é preciso pagar. Eu não concordo com isso. Virou um comércio em vez de culto à tradição."

" Eu sempre andei pilchado pelo Brasil todo. Causo espanto, mas nunca fui desrespeitado por isso. As pessoas vêm e perguntam o que é aquilo. Claro que tem brincadeiras, como em Goiás. Lá eles dizem 'ô, seu calça frouxa', mas é só de brincadeira."

A nossa música é muito bem recebida. Se a gente fosse mais para os outros estados seria sucesso sempre. No Rio de Janeiro, fizemos uma mostra da Califórnia da Canção, e o público adorou. Tem que pegar uns três ou quatro companheiros e mostrar a nossa música lá;

pode ter certeza que vai dar certo, a gente é que não divulga bem a nossa cultura.

Na Bahia, ninguém sabia nada de cultura gaúcha. Na segunda noite, eles já estavam cantando as músicas. Então dá para pensar que eles só não dão mais valor, porque nunca ouviram antes. A culpa disso é nossa."

" Na década de 50, eu e o Sadi Santiago fomos agredidos na rua, porque estávamos pilchados. Outra vez, saímos do 35 CTG, que era no antigo prado do Moinhos de Vento, e fomos na inauguração do Cinema Cacique. Não nos deixaram entrar, porque estávamos de bombacha. Aí reunimos uns vinte e fomos para lá. O cara foi mais inteligente desta vez. Ele viu que ia dar problema e nos recebeu de braços abertos, nem cobrou ingresso. Para ver como que era a coisa. Só mudou quando vieram os CTGs e tudo isso que a gente fez."

" A lavoura da gente é que fez o nosso mercado. Eu acho errado; começaram a se formar grupinhos para fazer acordos nos festivais. Isso pode acabar com eles. Tem que ter um pulso muito firme numa comissão julgadora para não deixar acontecer essas coisas de ficar tudo conversado antes de começar o festival. Se são cinco pessoas no júri, então aqueles cinco é que têm que decidir e pronto."



Em Cazuzu Ferreira, em 1996.

"Agora tem essa confusão sobre nativismo, regionalismo e tradicionalismo. Para mim quem canta música da sua terra, está cantando música nativa; é tudo a mesma coisa. Isso é uma coisa nova que começou em 77,78. Se deixar isso acontecer, daqui há alguns anos está tudo mudado. Por exemplo, o gaúcho sempre teve um jeito de se cumprimentar. Hoje eles vêm e te dão um tapão que parece que vai arrancar o ombro fora. Acham que para ser gaúcho tem que falar alto e grosso, como se tivesse tocando gado. Tem até um cumprimento que vai e dá não sei quantas batidas no ombro, pega o polegar e fica domando o dedo do outro, aí já é frescura!"

"A música sertaneja também é gaúcha, sim senhor. Nós temos esse gênero em Osório e Santo Antônio da Patrulha. Ali naquela região tem um linguajar próprio, eles falam cantado, chamam lavoura de maia (malha) e são daqui. Nós temos sertanejos no Rio Grande do Sul."

"Grupos modernos já pegaram músicas minhas e fizeram arranjos diferentes. Eu acho isso bom, porque a nossa música tradicional não é muito cheia de acordes; eu, por exemplo, toco o violão de uma maneira limitada; então se alguém com mais conhecimento pega e bota um arranjo

bonito, fico satisfeito. Agora, esse negócio de transformar em rock, aí eu não concordo. Eles podem enfeitar a música do jeito que quiserem, mas dentro da linha melódica. Se pegarem Esquilador ou Prece ao Minuano e fizerem em ritmo roqueiro, eu não aceito. É outra lavoura.

Eu até ouço rock. Eles são excelentes músicos. Se um dia eles inventassem de passar para o lado de cá, seria uma beleza. Quando se aprende a tocar violão sempre é coisa simples, normalmente regionais. Depois se vai estudar. Quando se está lá em cima, daí esquecem o que aprenderam lá no início; é uma pena, porque podiam evoluir muito na música regional."

"Uma vez fui dar uma palestra numa escola, e a professora disse para as crianças 'olha aí, um gaúcho; hoje vamos curtir uma diferente'. Isso de curtir e transar é linguagem de submundo, gíria de traficante. Estão ensinando isso para as crianças nas escolas.

Eles acham feio a gente falar com sotaque de gaúcho, mas gíria de traficante pode. A gente só não desanima, porque tem a cultura gaúcha no sangue."



Ao lado do quadro do Gen. João Manoel, que dá nome ao regimento de São Borja, onde Telmo serviu.



Esquilador

Mazurca

Telmo de L. Freitas

QUANDO É TEMPO DE TOS-QUI-A JÁ CLAREIA-DO DIA COM OUTRO SA-BOR -BOR AS TESOURAS CORTAM EM UM SÓ COM-PASSO ENRIJECENDO BRAÇO DO ES-QUI-LA-DOR, AS TESOURAS CORTAM EM UM SÓ COM-PASSO ENRIJECENDO BRAÇO DO ES-QUI-LA-DOR. UM DESCASCAR-REI-A OUTRO JÁ MANEIA É VITALE-VANTANDO PRA ADTOSA-DOR. UM DESCASCAR-DOR. AVEN-TAL DE ESTOPA FAIXA NA CINTURA UM GOLE DE PU-RA PAESPANTÁO CALOR. A-VENTAL DE ESTOPA FAIXA NA CINTURA UM GOLE DE PU-RA PAESPANTÁO CALOR.

Quando é tempo de tosquia
já clareia o dia
com outro sabor.
As tesouras cortam
em um só compasso
enrijecendo o braço
do esquilador.

Um descascarreia,
outro já maneia
e vai levantando
para o tosador.
Avental de estopa,
faixa na cintura,
e um gole de pura
pra “espantá” o calor.

Alma branca igual o velo
tosando a martelo
quase envelheceu.
Hoje perguntando
para a própria vida
pra onde foi a lida
que ele conheceu?

Quase um pesadelo
arrepia o pêlo
do couro curtido
do esquilador.
Ao cambiar de sorte
levou simbronaço
ouvindo o compasso
tocado a motor.

A vida disfarça
lembrando a comparsa
quando alinhava
o seu próprio chão.
Envidou os pagos
numa só parada!
“trinta e três de espada”
mas perdeu de mão!

Nesta vida guapa
vivendo de inhapa
vai voltar aos pagos
para remoçar.
Quem vendeu tesouras
na ilusão povoeira
volte pra Fronteira
para se encontrar.



Prece ao Minuano

Canção

Telmo de Lima Freitas

1. NESTA PLANURAS DO RIO GRANDE ONDE EXISTE UM CANTOR QUE É BEM MAIS TRISTE QUE O CAN-
 2. TIGAS...
 TPA DO MEU VIOLÃO DEIXA SEMENTE DE SAUDADE QUANDO PASSA SEMESCLANDO NA FU-
 MAÇA DA MINHA IMAGINAÇÃO 2. OUÇO CANÇÕES. EST. VENTO MINUANO EU TE
 PEÇO QUE PROSSIGAS NESTA CANTIGA DE FRATERNA COMUNHÃO. VENTO MI-
 -NHÃO. 3. VENTO MI-
 -NHÃO.

Nestas planuras do Rio Grande onde existe
 um cantor que é bem mais triste
 que o cantar do meu violão ...
 Deixa semente de saudade quando passa,
 se mesclando na fumaça
 da minha imaginação

Ouçoo cantigas, é o minuano me pedindo
 que os caminhos vão se abrindo
 p'ra passar minhas canções;
 rogando ao mundo que a maior fraternidade
 seja o elo da bondade
 p'ra todos os corações.

Estr.: Vento minuano,
 eu te peço que prossigas

nesta cantiga
 de fraterna comunhão.

Vento minuano, pensativo te reponto,
 o meu mate já está pronto
 porque sou madrugador ...
 Venho pedir-te muito pouco, quase nada,
 que ilumine a carreteada
 da minha querência flor.

Peço que tragas
 a mensagem para o povo
 animando o sangue novo,
 seiva forte do meu chão,
 para que sigam a cantar o mesmo hino,
 reafirmando seu destino
 Na futura geração.

Estr.: Vento minuano,
 eu te peço que prossigas

nesta cantiga
 de fraterna comunhão.



José Mendes A Voz do Povo



A história de José Mendes é recorrente na música do Rio Grande do Sul. Filho de família muito pobre e lar cedo desfeito, uma vida de peão genuíno, lidando com gado e lavoura. Há, porém, algo que o diferencia no seu meio. A decisão, desde muito cedo, de ser famoso como músico. Um sonho muito distante de sua dura realidade cotidiana, visto com descrença e ironia por alguns amigos, com admiração e esperança por outros, todos ingênuos jovens da campanha. Em uma época em que gravar um disco era coisa extremamente difícil, aquele rapaz determinado conseguiu o apoio financeiro de um fazendeiro e partiu para a assustadora São Paulo. Poderia se dizer, assim, que foi o "pai" dos independentes de hoje. Mais tarde, teria até mesmo o seu próprio selo fonográfico (o primeiro do gênero no Rio Grande). Viveu todo o tipo de dureza e dificuldade, superando a tudo com uma garra incomum, com uma determinação férrea e, por conta disto, estourou nas paradas de sucesso.

Assistiu assombrado à ascensão do próprio nome ao estrelato. Repentinamente viu-se ídolo da música e do cinema, batendo recordes, quebrando barreiras dentro e fora de sua terra natal. O povo, do qual ele há pouco tempo era apenas mais um indivíduo, dormia na porta dos cinemas para não perder o lugar nas sessões de seus filmes. Era, no fundo, o mesmo homem simples de sempre. O dinheiro, como vinha, ia. Ficava feliz pagando as contas dos amigos desprivilegiados da sorte. Empréstava sabendo que não receberia. Tinha absoluta confiança no sucesso e achava que aquilo não lhe faria falta.

Uma fatalidade interromperia sua meteórica ascensão, quando a camionete em que viajava espatifou-se contra um ônibus no quilômetro 15 da BR 471, a 15 de fevereiro de 1974. Contava menos de trinta e cinco anos de uma vida de luta e sofrimento, coroada pelo sucesso popular absoluto. Era, então, ao lado de Teixeira, o maior ídolo do Rio Grande.

José Mendes, ao falecer, não era apenas uma promessa, mas uma realidade, um músico consagrado. Apontava caminhos possíveis para a popularização nacional da música do estado, utilizando uma linguagem verticalmente assimilável por qualquer região brasileira. Antes dele, artistas como Pedro Raymundo e Teixeira já haviam demonstrado esta possibilidade. Depois dele, Gaúcho da Fronteira e Berenice Azambuja a comprovaram, sem, contudo, atingir o mesmo patamar de fenômeno de massas. A perda de José Mendes foi um duro golpe para a nossa música. Para ele, talvez, a morte em campo de batalha, lutando por tudo em que acreditava, tenha sido o destino mais honroso para um guerreiro de sua estirpe. Difícil mesmo foi para nós que ficamos privados de seu talento e tudo o quanto ele representava. Mas este é o destino dos grandes homens: viver no coração dos outros homens. O povo gaúcho terá sempre na memória a voz e o semblante alegre daquele rapaz que o representava como poucos na história de sua música.

Henrique Mann - Editor



Cronologia Biográfica: José Mendes Guimarães José Mendes

1939 - Nasce em 20 de abril; há controvérsias se teria nascido em São José do Ouro, Machadinho ou Barracão, então distrito de Lagoa Vermelha; filho de Amâncio Mendes da Fonseca Sobrinho e Noemy Ferreira Guimarães. O pai, conhecido como "Negrinho Mendes", tinha pendores musicais, mas vivia caindo pelas ruas em razão do vício do alcoolismo, motivo da dissolução do casamento.

1944 - Com a separação dos pais, é adotado por parentes residentes na Vila de Santa Terezinha, em Esmeralda, onde passa a infância e a adolescência na lavoura e em lides campeiras.

Levava genuinamente uma vida de peão, aproveitando as horas vagas para iniciar-se no violão, escondido do pai adotivo, que não queria que ele tocasse.



1954 - Descontente com a vida campeira, seu divertimento era tocar violão com o parceiro João Rachid, o "Papagaio".

1958 - Deixa a vida campeira para servir ao exército no 3º Batalhão Rodoviário de Vacaria, onde a popularidade por seus dotes musicais reforçam-lhe a vontade de seguir carreira artística e, incentivado pelos colegas, apresenta-se algumas vezes na Rádio Difusora local.

Cantava de tudo, mas sua preferência eram os temas gauchescos, principalmente Pedro Raymundo e "Irmãos Bertussi". Torna-se enfermeiro do batalhão.

1959 - Dá baixa do exército e passa a residir em Júlio de Castilhos.

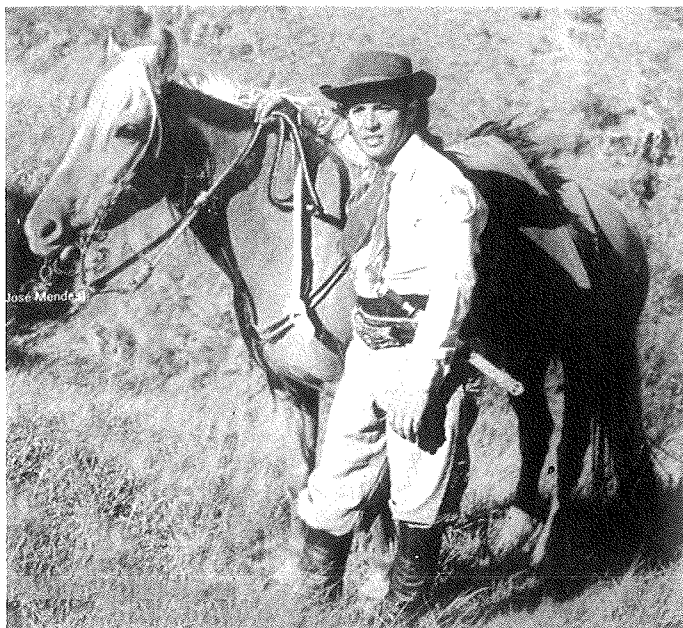
1961 - Retorna a Vacaria. Depois de algumas tentativas musicais malogradas, como a dupla "Seresteiros do Rio Grande" formada com Zé Teixeira, emprega-se como músico da Invernada Artística do CTG Porteira do Rio Grande. Seus bens, então, eram uma camisa, uma calça de brim e um chinelo de dedos. No CTG ganha pilcha completa a descontar do salário.

1962 a 1966 - Com dinheiro emprestado pelo fazendeiro Irineu Nery da Luz, grava seu primeiro LP, *Passeando de Pago em Pago*, sob o nome artístico de "Gaúcho Seresteiro".

Deixou uma promissória assinada no valor de 20 mil cruzeiros como garantia do empréstimo. Anos mais tarde, já famoso, voltaria a Vacaria especialmente para resgatá-la. Irineu não aceitou e guardou-a em seu cofre como preciosa relíquia.



Com João Rachid, em Santa Terezinha, Esmeralda, com aproximadamente 15 ou 16 anos.



Antes de partir para a gravação em São Paulo, varou uma noite em serenata com os amigos. Convidou alguns dos companheiros para gravar com ele, mas ninguém acreditou que fosse possível. Mendes era o único que acreditava. Demonstrava uma determinação incomum; nunca bebeu ou fumou, nem procurou qualquer forma de divertimento; queria obstinadamente vencer na música e mais nada.

Nos estúdios da Chantecler (SP), passou pelo tratamento reservado aos iniciantes. Mudaram totalmente as intenções do autor e o resultado final ficou sofrível. Mesmo assim, ele amava o disco, um LP de doze faixas. Passou a vendê-lo de porta em porta onde quer que pudesse.

Em uma das muitas viagens pelo interior, conheceu Nico Fagundes (futuramente seu dileto amigo); depois, Portela Delavi (parceiro em *Pára, Pedro*) e o trovador cego Luiz Müller. Estas relações contribuiriam muito para um desenvolvimento cultural que seus parcos estudos não lhe haviam dado.

1967 - Muda-se para Porto Alegre em busca de oportunidades. Dormia em garagens, cinemas, automóveis ou qualquer lugar que deixassem. Comia quando podia. Era, no entanto, muito simpático e acabava cativando amizades, como a cantora Berenice Azambuja, com quem morou por algum tempo e que foi uma de suas incentivadoras.

Aguardava por horas a fio, na porta das rádios, a oportunidade de pedir aos *disc-jóqueis* que rodassem seu disco. Num domingo, foi recebido por Luiz Menezes, no "Grande Rodeio Coringa", principal programa gauchesco do estado. Ali teve a oportunidade de cantar e ouviu o conselho do importante músico e radialista, para deixar de

lado aquele negócio de "Gaúcho Seresteiro" e investir decididamente em música regional de raiz.

Seguindo o conselho de Luiz Menezes, resolve gravar um disco com composições gauchescas mais bem caracterizadas. Parte novamente para São Paulo com dinheirinho contado. Alimentava-se de pão com banana e tentava gravar novo LP. Consegue apenas, pela Copacabana, gravar um compacto com *Pára, Pedro*, parceria sua com Portela Delavi.

De volta a Porto Alegre assiste, espantado, ao sucesso da gravação. Os *disc-jóqueis* rodavam, e o telefone da rádio não parava mais. O fenômeno repete-se em outros estados e a gravadora chama-o às pressas para gravar um LP de doze faixas, aproveitando a onda do inesperado sucesso do compacto, que vende 600 mil cópias, não apenas no Brasil, mas também na Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai.

Ao tempo que a música carro-chefe do LP estoura nas paradas nacionais, outras do mesmo disco seguem com força regional. *Mulher feia* e *Picaço Velho* (cuja letra





foi comprada de um cidadão de Passo Fundo conhecido por "Castanho") colocam-no com três músicas entre as dez mais rodadas nas rádios do Rio Grande do Sul. A TV Gaúcha concede-lhe o troféu Consagração Popular 67.

Depois de ter passado fome e cantado até em zona de meretrício, o rapaz semi-analfabeto e filho de pai alcoólatra tinha chegado ao sucesso; aliás, ao mega-sucesso. Mas não se viam marcas do passado em seu sorriso. Exibia-o largo e simpaticamente cativante. Não tinha palavras de rancor e jamais se mostraria ostentador ou arrogante. O ritmo de trabalho era intenso, em média sete shows por semana.

Tinha agora sua própria caravana com transporte, músicos e equipamentos. Em todas as cidades por onde passava, o seu nome estava estampado em enormes anúncios: "José Mendes, o Cancioneiro dos Pampas".

O dinheiro que ganhava não vinha tanto das vendas do disco; a parte do leão era da gravadora (como sempre). Com os muitos shows, porém, tinha sempre um bom lucro. Era, no entanto, ingênuo para administrá-

lo. Emprestava a perder de vista e pagava dívidas de amigos. O sucesso, porém, prossegue e até Wilson Simonal gravaria *Pára, Pedro*.

1968 - Mais um disco de sucesso retumbante: *Não Aperta, Aparício*, pela Copacabana. Não chega a atingir as colossais marcas do primeiro, mas, mesmo assim, bate de longe a concorrência. À sua frente, apenas Teixeirainha a quem tinha como referência e sonhava obsessivamente bater sua popularidade.

1969 - Realiza o filme "Pára, Pedro" (produção Leopoldis Som), o primeiro colorido do Rio Grande do Sul, batendo todos os recordes de bilheteria. No elenco, Darcy Fagundes, Ivan Castro e Luiz Müller.

Conhece a Maria Isabel durante as filmagens, com quem se casa. O autor da história protagonizada por José Mendes foi Antônio Augusto Fagundes, que conheceu em 1962. Na fita, imagens belíssimas tomadas no Itaim-bezinho e Campos de Cima da Serra.



Contracenando com Grande Otelo em "Pára, Pedro", 1970.



Capa do LP lançado pelo selo próprio, JM, em 1973.

1970 - Lança novo filme: "Não Aperta, Aparício" (também pela Leopoldis Som) e grava o disco *Andarengo*, pela Copacabana.

Com o sucesso nacional, é convidado para desfilar na Unidos de Vila Isabel, cujo enredo em homenagem ao Rio Grande era pontado pelo samba de Martinho da Vila, *Glórias Gaúchas*.

O filme, que conta com as presenças de Grande Otelo e José Lewgoy, repete o sucesso de "Pára, Pedro".

A Zero Hora de 27/04/70 dá conta de que o filme foi o terceiro do ranking nacional em arrecadação no período. As filmagens duraram 33 dias, envolvendo quinze técnicos e sessenta artistas.

O custo, financiado pelo BRDE, foi coberto quatro vezes só pela bilheteria do Rio Grande do Sul. Em cidades do interior, as pessoas dormiam na fila para não perder a abertura do cinema.

1971 - Lança o disco *Mocinho do Cinema Gaúcho* (Copacabana). Nasce o único filho, José Mendes Júnior. Prossegue o sucesso de vendagens e uma vertiginosa agenda de shows.

1972 - Grava o disco *Gauchadas* (Copacabana).

1973 - Cria o selo próprio "JM" pelo qual lança o LP *Isto é Integração*; o selo fonográfico seria posteriormente absorvido pela gravadora Continental. Quem ouve o disco ainda hoje diz que certamente é uma das melhores coisas da música do RS em todos os tempos.

Em abril, lança o filme "A Morte Não Marca Tem-

po" pela Czamansky, Taraziuk Ltda. Andava desgostoso com o cinema. Dizia que "*daqui a pouco, o gaúcho vai ter que tirar as bombachas nas telas*", em alusão aos filmes eróticos que proliferavam na época. Suas finanças estavam desorganizadas, mas, com a popularidade crescente e habituado aos revezes da vida, não perdia o otimismo e o sorriso de sempre.

1974 - Morre tragicamente em acidente automobilístico na BR 471, em 15 de fevereiro. As circunstâncias do acidente permanecem nebulosas.

No Km 15, em direção a Santa Vitória do Palmar onde se apresentaria, a Veraneio em que viajava destroçou-se contra um ônibus da empresa Fonseca Junior.

As rádios da região recusavam-se a noticiar o acidente e sucederam-se momentos difíceis para a viúva que, com o filho pequeno no colo, enfrentava a perícia policial e acusações veladas de que a camionete do artista teria causado a tragédia.

Antônio Augusto Fagundes tomou as providências devidas na condição de advogado da família.

A morte de um astro como José Mendes era um





Fotos cedidas pela família Mendes.

No Programa do Chacrinha, em 1970, no auge de seu sucesso.

peso demasiado para toda a região em que o acidente ocorrera; ninguém queria arcar com nenhum tipo de responsabilidade, mesmo que isso não resolvesse coisa alguma.

O músico Luiz Carlos Borges conta que, alguns dias antes, na última noite do Rodeio Crioulo de Vacaria, onde José Mendes fez sua última apresentação, ambos passaram pelas barracas cantando com os companheiros acampados até alta madrugada, coisa que o cantor não costumava fazer com frequência: "Era como se ele estivesse se despedindo"- diz Borges.

Mais de mil pessoas compareceram ao seu enterro no Cemitério São Miguel e Almas, em Porto Alegre. Os componentes dos conjuntos "Os Três Xirus" e "Os Milongueiros" abriram caminho na multidão ao som de *Pára, Pedro*; pessoas emocionavam-se e algumas desmaiavam.

Artistas como Dimas Costa, Darcy Fagundes e Luiz Menezes prestaram homenagens em forma de poesia. Após sua morte, é lançado o disco *Adeus, Pampa Querido*, pela Warner.

José Mendes faleceu no auge do sucesso. Foi o legítimo prosseguidor da linha popular gauchesca iniciada por Pedro Raymundo e desenvolvida por Teixeira, e

José Mendes e Gaúcho da Fronteira, entre outros.

Seu nome é uma legenda na história da música e do cinema do Rio Grande.

Em 2002, foi editado o livro "Pára, Pedro - José Mendes Vida & Obra", de autoria do professor Ajadil Costa, pela Editora Alcance.



Cantando no 35 CTG, em Porto Alegre-RS.

Obs.: Este fascículo contou com fundamental colaboração de Ajadil Costa, Maria Izabel Mendes e José Mendes Junior.



Pára, Pedro

José Mendes
e José Portela Delavi

1 E B7 E
E RAUM HAI LE LA NA SER RA NA FA ZEN DA DA RA MA DA FOI POR LA QUEUM TAL DE

5 B7 E B7
PE DRO SE CHE GOU DE MA DRU GA DA SÔES CU TEI UM ZUM - ZUM ZUM MAS NÃO SA BI A DE

9 E B7 E
NA DA SO VI A MULHER GRI TAN DO: "ES SE PE DROE UMA PA RA DA" PA RA, PE DRO, PE DRO

13 B7 E B7 E
PA RA PA RA PE DRO, PE DRO, PA RA PE DRO, PÁ RA, PÁ RA, PE DRO ES SE PE DROE UMA PA RA DA E RAO PE DRO LÁ NUM

17 B7 E B7
CAN TO BE LIS CAN DOAS NA MO RA DA QUAN DO FOI LÁ PE LAS TAN TAS QUEA FAR RA TA VAA NI

21 E B7 E B7
MA DA A PA GA RAMO LAM PI ãO EA BA QUN ÇA FOI FOR MA DA AS VÉIA SE RE VOL TA RAM "PE DRO CA NÃO E DE

25 E B7 E
NA DA* EO PE DRO BRI GOU COMAS VÉIA A E FOI UMA PE LEIA DA NA DA PA RA PE DRO PE DRO

29 B7 E B7 E
PA RA PA RA PE DRO PE DRO PA RA PE DRO PA RA PA RA PE DRO ES SE PE DROE UMA PA RA DA

Era um baile lá na serra
Na fazenda da ramada
Foi por lá que um tal de Pedro
Se chegou de madrugada
Só escutei um zum-zum
Mas não sabia de nada
Só via mulher gritando:
"esse Pedro é uma parada"
Pára, Pedro, Pedro, pára
Pára, Pedro, Pedro, pára
Pedro, pára, pára, Pedro
Esse Pedro é uma parada
Era o Pedro lá num canto
Beliscando as namorada

Quando foi lá pelas tantas
Que a farra tava animada
Apagaram o lampião
E a bagunça foi formada
As véia se revoltaram
"Pedroca não é de nada"
E o Pedro brigou com as véia
E foi uma peleia danada
Pára, Pedro, Pedro, pára
Pára, Pedro, Pedro, pára
Pedro, pára, pára, Pedro
Esse Pedro é uma parada
Fazia cosca nas véia
E as véia davam risada

Pedro foi dançar um chote
Com uma véia apaixonada
Surgiu o véio da véia
E a coisa foi complicada
Pedro correu pelos fundos
Entrou numa porta errada
As moça levaram um susto
E gritavam desesperadas
Pára, Pedro, Pedro, pára
Pára, Pedro, Pedro, pára
Pedro, pára, pára, Pedro
Esse Pedro é uma parada
Era o Pedro lá num canto
Beliscando as namorada.



Picaço Velho

Letra e Música: José Mendes

1 UM DIA EU SAÍ A CAMPAREAR SOZINHO NO MEU PICAÇO VELHO DE ESTIMAÇÃO ELE SAIU RELINCHANDO COMO A ADIVINHAR QUE NÃO VOLTAVA MAIS PARA O SEU GALPÃO O MEU PICAÇO VELHO ERA UM CAVALO QUE FOI BEM ENSINADO E MUITO MANSINHO QUANDO EU TINHA PREGUIÇA DE BUSCAR O GADO O MEU PICAÇO VELHO TRAZIA SOZINHO SAÍ A GALOPITO PELA ESTRADA AFORA O MEU PICAÇO VELHO IA REMOENDO FREIO EU SAÍ CONVENCIDO DE IR NA INVERNADA PARA VER O GADO E PARAR RODEIO DEPOIS QUE VEIO O SOL EU VI O BOI BRASINO E SEI COMO O BRASINO BEM VALENTE É APARTEI ELE DO GADO DESATEI MEU LAÇO ARRODEEI O MEU PICAÇO SÓ PRA VER O TROPEL APARTEI ELE DO GADO DESATEI MEU LAÇO

6 CHAN DO CO MOA DI VI NINHAR E NÃO VOLTA VA MAIS PARA O SEU GALPÃO O MEU PICAÇO VELHO ERA UM CAVALO

11 LO QUE BEM EN SINADO E MUITO MANSINHO QUANDO EU TINHA PREGUIÇA DE BUSCAR O GADO

15 DO O MEU PICAÇO VELHO TRAZIA SOZINHO SAÍ A GALOPITO PELA ESTRADA AFORA O MEU PICAÇO

20 VELHO ERA UM CAVALO QUE FOI BEM EN SINADO E MUITO MANSINHO QUANDO EU TINHA PREGUIÇA DE BUSCAR O GADO

25 O MEU PICAÇO VELHO TRAZIA SOZINHO SAÍ A GALOPITO PELA ESTRADA AFORA O MEU PICAÇO VELHO IA REMOENDO FREIO EU SAÍ CONVENCIDO DE IR NA INVERNADA PARA VER O GADO E PARAR RODEIO

30 GA DO DE SAÍ TELA MEU LAÇO ARRODEEI O MEU PICAÇO SÓ PRA VER O TROPEL APARTEI ELE DO GADO DE SAÍ TELA MEU LAÇO

35 CO ARRODEEI O MEU PICAÇO SÓ PRA VER O TROPEL

Um dia eu saí a camparear sozinho
 No meu picaço velho de estimação
 Ele saiu relinchando como a adivinhar
 Que não voltava mais para o seu galpão
 O meu picaço velho era um cavalo
 Que foi bem ensinado e muito mansinho
 Quando eu tinha preguiça de buscar o gado
 O meu picaço velho trazia sozinho
 Saí a galopito pela estrada afora
 O meu picaço velho ia remoendo freio
 Eu saí convencido de ir na invernada
 Para ver o gado e parar rodeio
 Depois que veio o sol eu vi o boi brasino
 E sei como o brasino bem valente é
 Apartei ele do gado desatei meu laço
 Arrodeei o meu picaço só pra ver o tropel
 Apartei ele do gado desatei meu laço

Arrodeei o meu picaço só pra ver o tropel
 Lacei este brasino lá na beira do mato
 Essa história triste desanima a gente
 O meu picaço velho se perdeu no valo
 E eu abri a perna e saí lá na frente
 E este boi brasino quando me avistou
 Abaixou a cabeça e fez uma pegada
 Tirei o corpo fora, ele passou por mim
 Eu olhei para trás e dei uma risada
 (recitando) e foi nessa feita que quase
 "levemos" a breca esta rodada
 Joguei meu doze braças e a argola tiniu
 Peguei as duas guampas e defendi as orelhas
 E quando atiro o laço neste boi brasino
 Ele virou de ponta e pro mato foi
 E meu picaço velho que quebrou pescoço
 E que morreu gemendo olhando pro boi

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

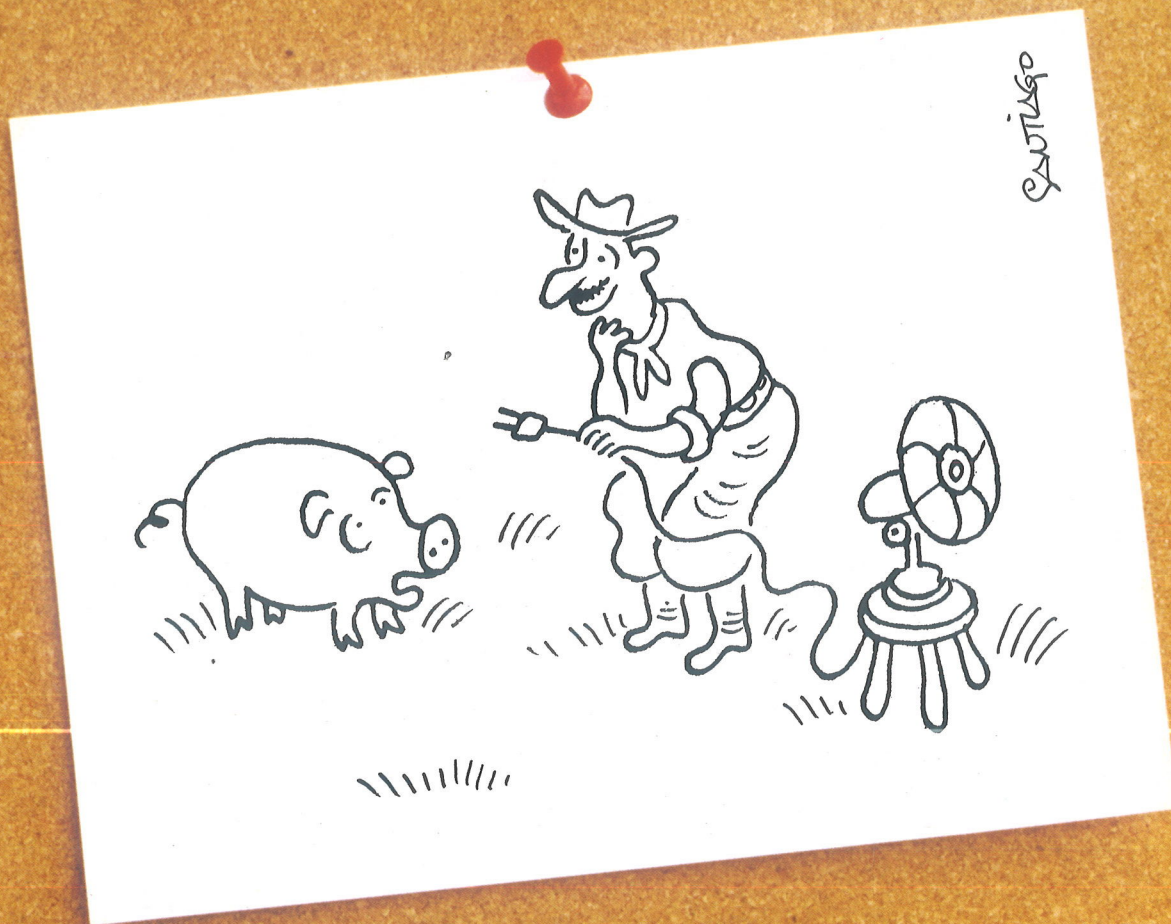
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC Lei de Incentivo à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



www.cee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura